

La Comédiathèque

Nem sequer morto

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

Nem sequer morto

de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Numa cama de hospital, um homem que perdeu a memória após uma cirurgia de último recurso vê passar todas as mulheres que esqueceu. Poderá uma delas ser a mulher da sua vida?

Elenco
Mulher
Homem

© La Comédiathèque

Um quarto impessoal, mobiliado apenas com uma cama de solteiro, uma mesa de cabeceira e uma cadeira. Uma mulher de pijama às riscas está deitada na cama. Ela está a dormir. O telemóvel dela toca na mesa de cabeceira. Ela acorda e atende a chamada.

Mulher – Sim? Sim, sou eu... Está bem... Não, não se preocupe, pego meu carro e chego já. Obrigada por ligar...

Ela coloca o telemóvel de lado e fica a pensar por um momento. Ela levanta-se e sai.

Silêncio. Música dramática exagerada.

O telemóvel toca novamente. A música para. Ouve-se a mensagem de boas-vindas da secretária eletrónica.

Mulher (*em off*) – Está a ligar para o Teatro (*seguido opcionalmente do nome do teatro onde a peça está a ser representada*). Não estamos disponíveis de momento. Por favor, não deixe mensagem, nós também não o faremos. Lembre-se de desligar o seu telemóvel e esquecer o resto.

Apagão.

Música de espera de uma secretária eletrónica.

Luzes.

Um homem está deitado na cama, com pijama às riscas. Ele está a dormir. Uma mulher que poderia ser a sua mãe (vestida com roupas antiquadas, sem maquilhagem, com um andar pouco enérgico) entra. Ela aproxima-se da cama.

Mulher – É hora... (*Como ele não responde, eleva a voz e sacode-o enérgicamente.*) É hora!

O homem acorda assustado e olha para ela, um pouco confuso.

Homem – Mãe? Mas o que estás a fazer aqui?

Mulher – É hora, filho.

Homem – Hora? Hora para quê?

Mulher – Não sei. Mas é hora.

Homem – Mas... Hora para quê?

Ele faz um esforço para se levantar, mas pára para recuperar forças.

Mulher – Vamos, preguiçoso! Faz um esforço, por favor. Levanta-te e anda!

Ele recupera um pouco de clareza mental.

Homem – Tenho a sensação de já ter ouvido isso antes.

Mulher – Infelizmente, tenho que te dizer isso todas as manhãs. (*O homem olha para a mãe com uma expressão surpreendida.*) Estás bem? Pareces estranho...

Homem – E tu estás a dizer-me a mim? Olha, mãe, não leves a mal, mas...

Mulher – O quê?

Homem – Eu pensava que estavas morta...

Mulher – Mas... estou.

Por um tempo.

Homem – Já sabia que algo te tinha mudado.

Mulher (*com um gesto de desdém*) – Ah, sim?

Homem – Não, mas... para melhor, garanto-te. E o pai?

Mulher – Também está morto. E tu, tens a certeza de que não estás morto?

Homem – Não creio...

Mulher – Então, não estás certo.

Homem – Suponho que quando alguém está morto, sabe, não é?

Mulher – Bem... pelo menos comes bem?

Homem – Não sei... Porquê?

Mulher – Se comes, é porque não estás morto.

Ela procura no bolso do casaco e tira uma maçã, que lhe oferece.

Mulher – Toma, trouxe-te isto.

Ele pega na maçã com alguma desconfiança.

Homem – Uma maçã... Como na história da Branca de Neve...

Mulher – Achas que és a Branca de Neve?

Homem – Desconfio, é só isso.

Mulher – Desconfias da tua própria mãe?

Homem – Lembro-te que se supõe que estás morta.

Mulher – Me consideras uma bruxa, é isso?

Homem – Não, de maneira alguma!

A mulher olha à sua volta.

Mulher – Este não parece um lugar muito alegre, pois não?

Ele parece descobrir o lugar ao mesmo tempo.

Homem – Não... Onde estamos?

Mulher – Parece um hospital psiquiátrico.

Homem – Suponho que se eu estivesse louco, me teriam posto uma camisa de força.

Mulher – E a tua mulher? Vem visitar-te de vez em quando?

Homem – Não... Bem, não me recordo bem... Estou casado?

Mulher – E os teus amigos? Tens pelo menos amigos?

Homem – Não sei. Não tenho visto ninguém.

Mulher – O que queres? É assim que é... Desde que eras pequeno... nunca foste muito popular...

Homem – Obrigado... Isso anima-me...

Mulher – Até eu me pergunto por que vim. Nem sequer estás morto!

Homem – Desculpa desapontar-te mais uma vez.

Mulher – Definitivamente, estragaste tudo na tua vida. (*Levanta-se, começa a sair, mas vira-se uma última vez.*) Até a tua morte.

Ela sai. Ele olha para a maçã. Dá uma mordida e coloca o resto na mesa de cabeceira. Mastiga por um momento antes de engolir o pedaço.

Homem – Então, não estou morto...

Apagão.

Música de espera de uma secretária eletrónica.

Luz.

O homem, de pijama às riscas, está deitado numa cama. Acorda lentamente. Senta-se e olha à sua volta, parecendo não saber por que está ali. A mesma mulher entra. Parece vinte anos mais jovem (roupas mais jovens, lábios pintados, aspeto determinado). Ela traz um pequeno pequeno-almoço numa bandeja.

Mulher – Olá!

O homem claramente tem dificuldades em acordar.

Homem – Olá...

Mulher – Como estás?

Homem – Estou bem... Acho.

Mulher – Aqui tens o teu pequeno-almoço.

Homem – Pequeno-almoço na cama? Obrigado, mas... é para alguma ocasião especial?

Ela não responde, sorri indulgentemente e senta-se ao lado dele.

Mulher – Não sei como está o café. Seguramente que não é um café expresso.

Homem – Não faz mal, vou tomá-lo de qualquer forma... Sinto-me como se estivesse ressecado.

Começa a beber o café e a comer uma torrada.

Mulher – Peço desculpa, acho que são bolachas sem sal...

Ele sorri e continua a mastigar a bolacha.

Homem – Sabes o que estava a pensar?

Mulher – Não...

Homem – Não acredito que possamos realmente mudar as coisas.

Mulher – As coisas? Queres dizer...

Homem – Ou as pessoas.

Mulher – Ah, sim...

Homem – Eu, por exemplo, com a minha família... Compreendi imediatamente que não ia funcionar.

Mulher – A tua família... Lembras-te que sou tua esposa...

Homem – Não, não me refiro a isso, claro. Tu és algo diferente... (*Pausa*) E estás certa de que estamos casados?

Mulher – Porque é que me perguntas isso?

Homem – Não sei... Durmo numa cama de solteiro...

Mulher – Ah, sim...

Homem – Nem me lembro que estou casado, percebes? O médico disse-me que era normal. Ainda não recuperei a memória imediata.

Mulher – Estamos casados há vinte anos...

Homem (*distraído*) – Sim, é estranho, não é? Ainda não recuperei a memória imediata. Isso foi a última coisa que ouvi e só me lembro disso... (*Pausa*) Não sei... Talvez seja daí...

Mulher – De quê?

Homem – Esta necessidade que sempre tive de estragar tudo... Para não correr o risco de ser desapontado... (*Pega na maçã e olha para ela*) Quando a larva está na maçã, nunca acaba bem para ninguém.

Mulher – Exceto para a larva, talvez... (*Ele olha para ela surpreso, e ela corrige-se imediatamente.*) Desculpa, não sei por que disse isso...

Homem – Não, tens razão, é verdade... Nunca pensamos na larva.

Mulher – E além disso, não és uma maçã.

Homem – Não sei. Já não sei.

Mulher – Tomaste os teus medicamentos?

Homem – Que medicamentos?

Mulher – Vou buscar-te um copo de água.

Ela sai. Ele dá outra dentada na maçã. Ela volta com uma aparência ligeiramente diferente, seja na roupa (um acessório) ou no penteado (uma peruca). Não é nada extravagante, mas é notável e um pouco estranho. Ele parece não notar nada. Ela oferece-lhe um copo de água como se nada fosse.

Homem – Obrigado.

Ele toma os comprimidos que ela lhe oferece e engole. Ela olha para ele fixamente.

Homem – O que se passa? O que tenho?

Mulher – Tenho de te contar algo.

Homem – Estás a assustar-me...

Mulher – Não, mas não é sobre ti. Bem, é, mas...

Homem – Bem...

Mulher – Bem, acontece que eu... Não sou exatamente... quem pensas.

Homem – Como assim? Mas eu não penso em nada.

Mulher – Mesmo assim, sou a tua esposa.

Homem – Queres dizer que... me estás a enganar?

Mulher – Não, não é nada disso. Bem...

Homem – Bem o quê?

Mulher – Não te estou a enganar, quero dizer que não te disse a verdade. Mentir-te é que é.

Homem – Sobre o quê?

Mulher – Sobre tudo. Desde sempre. Na verdade, eu não sou exatamente uma mulher...

Homem – Estou casado com um homem e nunca dei por isso?

Mulher – Também não sou um homem.

Homem – Está bem... Algo entre os dois, então...

Mulher – Eu diria mais que nenhum dos dois.

Homem – Bem... então é por isso que nunca tivemos filhos, suponho.

Mulher – Sim... entre outras coisas...

Homem – Há algo mais?

Mulher – Não sou daqui.

Homem – Daqui? Mas, onde é que estamos exatamente?

Mulher – Venho de outro mundo do teu.

Homem – És uma bruxa...

Mulher – As bruxas não existem. Toda a gente sabe disso.

Homem – Então, tu também não és uma bruxa.

Mulher – Lembras-te da minha mãe?

Homem – Não.

Mulher – Ela deu-me à luz depois de ter tido a visita de um extraterrestre.

Silêncio. Ele olha para ela, procurando o que responder.

Homem – Tenho a sensação de já ter ouvido uma história assim em algum lugar antes.

Mulher – Talvez numa igreja. Sobre a gravidez da Virgem Maria.

Homem – Sim... Ou talvez seja dos medicamentos...

Apagão..

Música de espera de uma secretária eletrónica.

Luz.

O mesmo quarto, mas alguns detalhes indicam que é um quarto de hospital (um gráfico médico no pé da cama e um suporte de soro do outro lado da mesa de cabeceira, por exemplo). O mesmo homem acorda na mesma cama. A mesma mulher entra, mas com um jaleco branco de médico.

Mulher – Então, senhor, como se sente hoje?

Homem – Estou bem... Bem... Mas o que faz aqui no meu quarto?

Mulher – Ah... Essa simples pergunta parece indicar que ainda não recuperou completamente a sua memória imediata.

Homem – Não me lembro de nada... exceto que já me disse isso antes.

Mulher – Não se preocupe, é muito comum após este tipo de intervenção. Assim que se toca no cérebro...

Homem – O cérebro... Já percebi...

Mulher – Se ainda percebe, pelo menos é algo... Ouça, não vamos enganar-nos, o seu estado... é muito preocupante.

Homem – Quer dizer preocupante para mim, suponho?

Mulher – Gostaria de poder dar-lhe boas notícias, mas o que posso dizer... Eu não sou Deus Pai...

Homem – O que, por si só, seria uma boa notícia para mim.

Mulher – Acredita mesmo?

Homem – Acordar de uma operação cerebral e ver Deus Pai...

Mulher – Claro... Então, os resultados dos nossos primeiros exames não são muito animadores... para si.

Homem – Eu percebo.

Mulher – Se ainda percebe, pelo menos é algo...

Homem – E diz que... é grave.

Mulher – Meu Deus... Não necessariamente...

Homem – Como assim?

Mulher – O grave é que... não sabemos de todo o que tem.

Homem – Ah... E suponho que isso... é grave para si.

Mulher – Se não sabemos o que tem, também não sabemos como tratá-lo. Resumindo, não sabemos o que fazer... E quando não sabemos o que fazer, não sabemos o que dizer. Francamente, meu caro senhor, não sei o que lhe dizer...

Homem – Ouça, Doutora... Posso tratá-la por Doutora?

Mulher – Obtive o meu título de medicina na Romênia, mas... Claro, claro. Chame-me de Doutora.

Homem – Sei que se preocupa muito comigo, mas, no meu caso... estou mais preocupado com o estado mental da minha esposa.

Mulher – A sua esposa? Bem...

Homem – É difícil de acreditar, mas... acontece que a minha esposa acredita ser uma marciana.

Mulher – Bem, bem...

Homem – Não parece surpreendê-la.

Mulher – Claro, mas, para ser sincera... (*Consulta uma pasta.*) Não sabia que estava casado... De qualquer forma, não está indicado no seu historial médico.

Homem – Talvez tenham considerado que não era uma doença suficientemente grave para ser mencionada.

Ela ri um pouco forçadamente.

Mulher – De qualquer forma, recuperou o seu sentido de humor. E isso é um bom sinal, não é? Conhece Ionesco?

Homem – Não pessoalmente.

Mulher – Era romeno, como eu. E tenho a honra de partilhar o mesmo apelido que ele. Segundo a minha mãe, somos parentes vagos.

Homem – A sério?

Mulher (*num tom confidencial*) – Entre nós, sempre achei que os romenos estavam mais talhados para o teatro do absurdo do que para a cirurgia cerebral.

Homem – Obrigado, Doutora Ionesco. São exatamente o tipo de comentários reconfortantes que um paciente quer ouvir da boca do seu cirurgião na sala de recuperação...

Mulher – Mas claro. Estou aqui para isso. Se tiver mais alguma pergunta para me fazer, não hesite em dizer.

Homem – E... para a minha esposa, pode fazer algo?

Mulher – A sua esposa? Meu Deus... Primeiro, deveríamos ter a certeza de que realmente tem uma esposa...

Homem – Oh sim, claro.

Mulher – E depois, de que a sua esposa não seja realmente uma extraterrestre.

Homem – Como assim?

Mulher – Concordará que se a sua suposta esposa é realmente uma marciana, não se pode considerá-la louca se afirmar vir do planeta Marte.

Homem – É verdade, visto dessa maneira...

Mulher – De qualquer forma, é isso que nos ensinam nas faculdades de medicina na Romênia.

Ele olha para ela como se a estivesse a descobrir naquele momento.

Homem – É incrível, Doutora Ionesco...

Mulher – O que é incrível?

Homem – O quanto se assemelha à minha esposa. Bem, ao que a minha esposa se assemelharia se estivesse casado.

Mulher – E ainda assim... garanto-lhe que não venho do planeta Marte.

Homem – Não, vem da Romênia. E... foi a senhora quem me operou, certo?

Mulher – Infelizmente para si... Suponho que um médico de outro lugar da galáxia poderia tê-lo salvo.

Homem – Acredita nisso...?

Mulher – Dizem que essa gente é muito mais avançada do que nós. De qualquer forma, pode-se razoavelmente supor que os médicos deles são melhor formados do que meros internos que estudaram em Bucareste...

Homem – Sim, bem...

Mulher – Tem razão... A este nível de especulação, pergunto-me se ainda se pode falar em suposições razoáveis, certo? Deixarei que descanse... Voltarei mais tarde...

Homem – Posso pedir-lhe outro favor?

Mulher – Desde que não seja para lhe salvar a vida...

Homem – Se encontrar a minha esposa, diga-lhe que não estou casado.

Mulher – Não deixarei de o fazer.

Homem – Obrigado.

Ela prepara-se para sair, mas vira-se uma última vez para ele.

Mulher – Posso pedir-lhe algo também?

Homem – Desde que não seja perguntar-me o meu nome.

Mulher – Pode chamar-me mais uma vez "Doutora"?

Homem – Obrigado, Doutora Ionesco. Adeus, Doutora.

Apagão.

Música de espera de um atendedor de chamadas.

Luz.

O homem está sentado na sua cama. Olha para o vazio. A mulher, vestida de padre, chega.

Mulher – Bom dia, meu filho.

Homem (*apenas surpreendido*) – Bom dia, padre...

Mulher – Sou a capelã deste hospital.

Homem – Olá, padre.

Mulher – Vim imediatamente quando me chamou.

Homem – Tem a certeza de que fui eu que a chamou?

Mulher – Alguém me disse para vir vê-lo. Tinha um ligeiro sotaque romeno.

Homem – Ah, sim... É a minha cirurgiã...

Mulher – Parece que era algo urgente. Mas se acha que não está pronto, posso voltar mais tarde.

Homem – Não, não, por favor. Além disso, assim fica feito. Apenas por precaução. Bem, não sei por quanto tempo é válido...

Mulher – Válido?

Homem – Refiro-me à extrema unção. Se não morrermos imediatamente, por quanto tempo é válida? Três meses, suponho? Como um certificado médico.

Mulher – Na verdade... nunca me fizeram essa pergunta. E, uma vez que esse caso ainda não se apresentou para mim...

Homem – Quer dizer que nenhum dos seus paroquianos sobreviveu após receber a extrema unção?

Mulher – Bem, é que... efetivamente...

Homem – E tem a certeza de que sou católico?

Mulher – Bem... devo admitir que nunca pensei em exigir um certificado de batismo nestas circunstâncias. Não consigo imaginar um moribundo a mentir sobre a sua religião para obter uma extrema unção de última hora. Não tem a certeza de ser católico, meu filho?

Homem – Também não me recordo de ser judeu ou muçulmano. E como não estou circuncidado... Tem a certeza de que não estou circuncidado?

Mulher – Meu Deus...

Homem – Desculpe, incomodo-a com todas as minhas perguntas. Mas sabe, não tenho muita experiência nisto. É a minha primeira extrema unção...

Mulher – Sim, entendo... Pelo menos quer confessar-se, meu filho?

Homem – Não sei, é... é obrigatório?

Mulher – Digamos que é altamente recomendável. Pela salvação da sua alma.

Homem – Bem... depois de tudo, que risco corro?

Mulher – Ouço-o, meu filho.

O homem reflete, depois olha para ela como se a estivesse a descobrir.

Homem – Tenho de admitir que...

Mulher – Sim.

Homem – É um pouco embaraçoso.

Mulher – E porquê, meu filho?

Homem – Ela parece tanto com a minha esposa.

Mulher – Já percebi...

Homem – Compreenderá que para um homem casado, ter a impressão de que o seu confessor se parece com a sua esposa...

Mulher – Fique descansado, meu filho. Mesmo que eu fosse a sua esposa, estaria vinculada pelo segredo de confissão...

Homem – Bem... mas, não sei bem por onde começar...

Mulher – Pode começar pelo fim.

Homem – É muito difícil confessar-se quando se perdeu a memória, sabe...

Mulher – Pelo menos sente-se culpado, meu filho? Seria um começo...

Homem – Não sei... Continua-se a ser culpado quando se perde até a memória dos pecados?

Mulher – Realmente não se lembra de nada?

Homem – Nem sequer me lembro onde estacionei o meu carro.

Mulher – Uma vez que não está em condições de confessar os seus pecados, concedo-lhe de qualquer forma a absolvição. Por causa da dúvida...

Homem – Obrigado por confiar em mim, padre. Vou tentar não o desapontar.

Mulher – Mas não se esqueça de regularizar a sua situação assim que puder.

Homem – Prometo.

Ela abençoa-o com o sinal da cruz.

Mulher – Em nome do pai, da mãe e do filho.

Homem – Amém.

Apagão.

Música de espera de atendedor de chamadas.

Luz.

O homem recupera lentamente a consciência na cama. A mulher chega, com um estilo executivo, com um computador portátil numa mala.

Mulher – Caro senhor, bom dia!

Homem – Bom dia...

Mulher – Desculpe um momento, não demorará muito.

Homem – Claro...

Ela retira o computador portátil da mala, liga-o e coloca-o na mesa de cabeceira para que ele possa ver o ecrã.

Mulher – Lembra-se da palavra-passe para o Wi-Fi?

Homem – Nem sequer me lembro do meu nome.

Mulher – Não faz mal, dispensaremos isso. *(Depois de pigarrear)* Caro senhor, quis encontrar-me consigo sem demora porque tenho boas notícias para lhe dar.

Homem – Um novo remédio, talvez? Uma cura milagrosa? Algo que possa salvar-me a vida.

Mulher – Está a tirar-me as palavras da boca, caro senhor. De facto, os novos produtos financeiros que tenho para lhe oferecer poderiam mudar a sua vida.

Homem – Suponho que não é médica, então.

Mulher – Sou a sua consultora financeira. É titular de uma conta no Banco Espírito Santo, não é?

Homem – Sim, talvez.

Mulher – Posso assegurar-lhe que é um dos nossos melhores clientes.

Homem – Ainda bem. Porque nem sequer tenho a certeza de ser um bom católico...

Mulher – Não se preocupe, isso não é obrigatório para especular na bolsa. E como cliente privilegiado do nosso banco, quis oferecer-lhe em primeira mão as nossas novas oportunidades de investimento, com um desempenho absolutamente excepcional.

Homem – Ah, sim...

Mulher – Olhe para este gráfico. (*Mostra-lhe uma curva.*) O nosso novo fundo de investimento, o Fénix em Ações, ganhou 27% em seis meses.

Homem – O Fénix, ah sim? Parece promissor. Mas por que esse nome?

Mulher – No ano anterior, infelizmente, o Fénix perdeu 73% do seu valor em bolsa. É um investimento arriscado, reservado para os investidores mais audaciosos, mas sempre renasce das cinzas!

Homem – Não tenho a certeza se posso dizer o mesmo.

Mulher – Vamos lá, tenho a certeza de reconhecer um lutador em si. A bolsa é um investimento sempre vencedor a longo prazo.

Homem – Sabe, a longo prazo, para mim... Disse-lhe que acabei de receber a extrema-unção?

Mulher – Estava prestes a chegar a isso, caro senhor. Não lhe vou ocultar que tem de decidir rapidamente. É uma oportunidade excepcional, mas não haverá para todos. Só poderemos atender os nossos clientes mais receptivos.

Homem – Não tenho a certeza de estar muito receptivo, mesmo a tratamentos médicos. Na verdade, questiono-me se já não estarei morto...

Ela abre a sua mala e retira um folheto que lhe entrega com um sorriso comercial.

Mulher – Descanse... Também temos toda uma gama de produtos em seguros de vida e funerários.

Homem (*pegando o documento*) – Obrigado...

Mulher – Deixo que o pense, caro senhor. Não o vamos pressionar, certo? Estamos aqui principalmente para o aconselhar...

Homem – Assim é, vou pensar nisso.

Mulher – Deixo-o, tenho outros potenciais investidores para visitar nesta instituição. Aliás, o que é isto? Uma espécie de casa de repouso?

Homem – Uma Unidade de Cuidados Paliativos.

Mulher – Claro, então até breve. Mas pense rápido, caro senhor. No seu caso, acima de tudo, não tem tempo a perder... e seria uma pena perder uma oportunidade como esta.

Apagão.

Música de espera de atendedor de chamadas.

Luz.

Uma pessoa está deitada na cama, e não é possível ver o rosto dela. O homem chega vestido com roupas antiquadas e com um ramo de flores na mão (presumivelmente o pai da mulher extraterrestre vista anteriormente). Ao perceber que a mulher está dormindo, o homem coloca o ramo na mesinha de cabeceira e sai. A mulher acorda e senta-se na cama. Ela olha para as flores. O homem volta com um jarro cheio de água.

Homem – Não queria acordar-te...

Mulher (*um pouco confusa*) – Obrigada pelas flores.

O homem coloca as flores no jarro e coloca-o na mesinha de cabeceira.

Homem – Como te sentes?

Mulher – Dormi mal... Na minha pesadela, eras tu quem estava doente, e eu vinha visitar-te.

Homem – Mas tu não estás doente.

Ela parece surpreendida.

Mulher – Então, o que estou a fazer numa cama de hospital?

Homem – Vais ser mãe. Acabaste de dar à luz...

Mulher – Ah, sim...

Homem – Deves estar sob o efeito da anestesia.

Mulher – Anestesia?

Homem – Foi um pouco complicado, vou explicar-te. Mas não te preocupes, agora vai correr tudo bem.

Mulher – E o bebé?

Homem – É uma menina.

Mulher – Uma menina! Isso é maravilhoso...

Homem – Bem, quando digo uma menina...

Mulher – Posso vê-la?

Homem – Foi um pouco complicado. Vou explicar-te...

Mulher – Ela não sobreviveu ao parto, certo?

Homem – Não, não morreu, fica tranquila. Bem, quando digo fica tranquila...

Mulher – O que se passa? Ela sofreu durante o parto? Vai ter sequelas?

Homem – Não... Ela... Aparentemente, não terá sequelas. É só que...

Mulher – É mongolóide?

Homem – Não, também não. Embora agora, sabes, se fale mais em trissomia.

Mulher – Mas eu não me importo com o que se diz ou não! Ela é normal ou não?

Homem – Sim... e não.

Mulher – Como assim sim e não? Ou se é normal ou não, não é?

Homem – Digamos que é normal... para uma extraterrestre.

Um momento.

Mulher – Já percebi...

Homem – Percebeste o quê? Pareces não estar surpreendida...

Mulher – Sim, sim, claro, mas... agora estou a lembrar-me...

Homem – A lembrar-te do quê?

Mulher – Não é nada do que pensas, garanto-te.

Homem – Ah, sim?

Mulher – Um bebé... nem sempre tem de ser um papá e uma mamã. Pensa no Menino Jesus e na Virgem Maria, por exemplo.

Homem – A Virgem Maria? Estás a gozar comigo? Não me chamo José, e sei reconhecer uma mulher adúltera quando a vejo.

Mulher – É um pouco mais complicado do que isso...

Homem – A minha esposa enganou-me com um extraterrestre. Acabou de dar à luz um alien, quando se supunha que eu era o pai! Difícil imaginar algo mais complicado do que isso.

Mulher – E tens a certeza de que é normal...

Homem – Como assim normal? Parece o E.T., digo-te!

Mulher – Apenas estou a pensar... como um ginecologista pode saber se um bebé extraterrestre é normal ou não. Quando nem sequer sabe de que planeta é o pai.

Homem (*desanimado*) – Tens razão... Especialmente quando o ginecologista é da Roménia. Porque pelo menos isso sabemos...

Apagão.

Música de espera de atendedor de chamadas.

Luz.

O homem está de novo na cama, com o olhar perdido. A mulher chega, vestida com um traje bastante formal, com uma pasta na mão.

Mulher – Bom dia, Senhor. Peço desculpa pelo atraso. Um contratempo.

Homem – Conhecemo-nos?

Mulher – Peço desculpa, esqueci-me de me apresentar. Ainda não tive o prazer de o conhecer. Sou a Senhora Eugenia Ionesco, a sua notária.

Homem – Eugenia Ionesco?

Mulher – Esse nome diz-lhe alguma coisa?

Homem – Deixe-me pensar... Não, definitivamente, a primeira ideia que me ocorre é que estou mesmo tramado.

A mulher abre a sua pasta e retira alguns papéis.

Mulher – A propósito, exatamente. Como acordado, preparei os documentos que me pediu.

Homem – Ah, sim...?

Mulher – Falo do seu testamento, lembra-se?

Homem – Não.

Mulher – De qualquer forma, é sempre bom colocar os seus assuntos em ordem. Por precaução...

Homem – Sim, também um padre me disse isso não há muito tempo.

Mulher – Ninguém é eterno, certo? Eu própria, a caminho para cá, tive um pequeno acidente com o meu carro. Um condutor imprudente. Poderia ter sido muito pior. Aliás, essa é a razão do meu atraso.

Homem – Portanto, é por isso que o notário chega depois do padre. Parecia-me estranho...

Mulher – O tempo de preencher o relatório... Esse tolo não queria admitir que tinha culpa. Era um padre, exatamente... Portanto, acontece que um padre também pode ser teimoso...

Homem – Um padre que se parecia estranhamente muito com a minha mulher, suponho.

Mulher – Mas não quero demorá-lo muito. E quanto a mim, tudo isso me atrasou muito... (*Ela entrega um pacote de folhas e uma caneta.*) Aqui tem, se quiser assinar e pôr as suas iniciais. Naturalmente, não está obrigado a ler tudo.

O homem hesita um pouco antes de pegar no documento e na caneta.

Homem – Bem, suponho que não tenho escolha. Sinto como se estivesse a assinar a minha sentença de morte...

Tenta assinar, mas pára depois de várias tentativas falhadas.

Mulher – Há algum problema?

Homem – A sua caneta não funciona.

Mulher – Deixe-me ver... (*Inclina-se sobre o documento.*) Ah, não... É só que... esqueci-me de o avisar. É tinta invisível.

Homem – Tinta invisível?

Mulher – Sumo de limão, se preferir.

Homem – Está bem...

Mulher – Vá em frente, assine. (*Enquanto ele coloca as suas iniciais e assina*)
Compreenda que os notários nem sempre são bem-vindos nas Unidades de Cuidados Paliativos.

Homem – Que estranho.

Mulher – No entanto, disseram-me que até trazem palhaços, na esperança de aliviar o sofrimento de alguns pacientes, fazendo-os rir até à morte. Pessoalmente, acho que não há nada mais triste do que um palhaço, não acha?

Homem – Um notário, talvez...

Mulher – O circo em geral. É sinistro. Sempre achei que cheira a morte. Sem mencionar as feiras, claro.

Homem – Acho que estava a falar de sumo de limão...

Mulher – Que se há de fazer? Há sempre pessoas mais desconfiadas do que outras. Alguns familiares perguntam-se se não vamos fazer com que o seu ente querido assine qualquer coisa no leito de morte para o despojar das suas poupanças e privá-los da herança.

Homem – Portanto, se encontrar um desses à saída, poderá mostrar-lhe este testamento e dizer-lhe: vê, ele não assinou nada.

Mulher – Exatamente.

Homem – E assim que voltar ao seu escritório, vai passar o documento por uma vela para caramelizar o limão. Costumava fazer isso quando era criança.

Mulher – Todos fomos crianças, certo?

Homem – Mas só os notários mantiveram a sua alma de criança...

Mulher – Tenho de ir. Tenho outros moribundos para ver antes desta noite.

Homem – Por mera curiosidade... O que diz este testamento, resumidamente?

Mulher – Lega todos os seus bens a uma fundação cujo objetivo é estabelecer contato com civilizações extraterrestres.

Homem – Se ao menos me permitisse voltar a ter contato com a minha esposa.

Negro.

Música de espera de um contestador telefónico.

Luz.

O homem acorda na cama. A mulher regressa com um jaleco branco.

Mulher – Bom dia, senhor.

Homem – Bom dia, doutora.

Mulher – Desta vez, não lhe pergunto se está bem. É uma daquelas perguntas que são feitas automaticamente, antes de percebermos que não deveriam.

Homem – Não viu um notário sair deste quarto com um testamento assinado a tinta invisível?

Mulher – Meu caro senhor, penso que no estado em que estamos... Quero dizer, na fase terminal em que se encontra... Não faz sentido enganarmo-nos, certo?

Homem – Devo entender que ainda não tem boas notícias para me dar?

Mulher – Ainda nos deve algum dinheiro. Devo-lhe pelo menos a verdade. Foi, como se diz, a operação de último recurso. Infelizmente, a operação não teve sucesso. Sinto muito.

Homem – Não me surpreende. Nunca tive sorte...

Mulher – Não tenha remorsos. Na nossa gíria, quando falamos de uma operação de último recurso, referimo-nos a uma operação que não tem nenhuma chance de sucesso.

Homem – Entendo.

Mulher – A questão da operação de último recurso é apenas uma artimanha dos médicos para fazer a família e o próprio paciente esperar pelo desenlace fatal.

Homem – Sim, compreendo a ideia geral...

Mulher – Conhece muitos pacientes que sobreviveram a uma operação de último recurso?

Homem – Não, admito...

Mulher – Exato... E como não se pode acreditar que todos os pacientes sejam tão azarados...

Homem – Então, estou condenado.

Mulher – Não usaria termos tão brutais, mas... Sim, meu caro senhor, chegou a hora de fazer um balanço da sua vida... e acertar contas com a sociedade. Começando pela que é acionista majoritária neste hospital...

Homem – Agradeço a sua franqueza, Doutora Ionesco.

Mulher – Infelizmente, terei de lhe pedir que deixe de me chamar Doutora.

Homem – Ah, sim?

Mulher – Após rever os meus diplomas e a taxa de mortalidade no meu departamento de cirurgia, a direção deste hospital considerou preferível transferir-me para a contabilidade.

Homem – Compreendo, mas então... o que faz aqui exatamente?

Mulher – Bem... Quando falei em acertar contas, não era uma metáfora... Venho pela pequena fatura, meu caro senhor... É verdade, vai deixar-nos, mas não pense que o deixaremos partir sem pagar. E não lhe recomendaram ter um seguro complementar?

Homem – E se não tiver meios para pagar?

Mulher – Isso poderá afetar seriamente a salvação da sua alma. Sabe, agora... o nosso Serviço de Recuperação é extremamente eficiente.

Homem – Mais eficiente do que o seu Serviço de Cirurgia, pelo menos.

Mulher – Digamos que... os romenos que empregamos neste hospital são muito mais eficientes na área de recuperação de dívidas do que na cirurgia cerebral... E os nossos acionistas têm agora conexões muito elevadas.

Homem – Quer dizer... lá em cima?

Mulher – O que podemos fazer? Os fundos soberanos que nos governam já estavam a ser geridos por mortos-vivos. Começaram comprando lares de idosos, hospitais, igrejas, cemitérios... Logicamente, acabaram adquirindo participações no céu e no inferno.

Homem – E então?

Mulher – Então, é a sua escolha... Mas saiba que os devedores não são bem-vistos no céu.

Apagão..

Música de espera de um atendedor de chamadas automático.

Luz.

O homem está na cama. A mulher chega. Está vestida de negro. E traz uma foice.

Mulher – Então, meu caro senhor? É hora de partir? Não vejo a sua pequena mala. Entre nós, não precisará dela para onde vai, mas parece que dá alguma tranquilidade...

Homem – É uma foice real?

Mulher – Ah, isso! Não, claro que não... É falsa. É de plástico. Veja!

Ela pega a lâmina e torce-a.

Homem – Está bem.

Mulher – Não, claro que não... Uma foice real... Alguém poderia magoar-se.

Homem – Especialmente num hospital.

Mulher – A foice é apenas um símbolo. Como uma vassoura para uma bruxa ou um báculo para um bispo. Para que nos reconheçam imediatamente assim que nos veem.

Homem – É verdade que a reconheci imediatamente.

Mulher – Pelo menos evita que tenhamos de nos apresentar. Consegue imaginar a cena...? Olá, sou a Morte. Venho cortar o pouco fôlego que lhe resta depois de o ceifeiro deste hospital ter segado o pouco trigo que lhe restava.

Homem – Pelo menos não falta de sentido de humor...

Mulher – Conosco, não se aborrecerá, verá. Então, está pronto?

Homem – Meu Deus... Tão pronto quanto se pode estar. E o que devo fazer exatamente?

Mulher – Não tem de fazer nada. Eu só tenho de apagar a luz...

Homem – Acompanha-me nesta última viagem?

Mulher – Não, tranquilo. Sou apenas a mensageira, por assim dizer. Ou o carteiro, se preferir. Venho pelo certificado com aviso de receção. Depois...

Homem – Está bem... Dá-me mais um minuto?

Mulher – Se quiser ir urinar uma última vez antes de partir, é agora. Depois, já não terá o necessário para o fazer. Acredite, a partir de uma certa idade, é mais uma vantagem.

Apagão..

Música de espera de um atendedor de chamadas automático.

Luz.

O homem, sentado na cama, levanta-se com uma mala na mão. A mulher chega vestida com um fato de extraterrestre.

Mulher – Olá, querido.

Homem – Mas, não entendo... Onde está a...

Mulher – A Morte? Enviei-a para buscar dois cafés na máquina de venda automática. Não pensei que fosse tão fácil livrar-me dela. Mas não temos tempo a perder...

Homem – Então era verdade? Estou realmente casado?

Mulher – Tão verdade como eu ser uma extraterrestre.

Homem – Mas, como é possível?

Mulher – É uma história um pouco complicada... Na verdade, é a minha mãe que... Mas vou contar-te durante a viagem.

Homem – Que viagem?

Mulher – Vou levar-te para o planeta de onde venho.

Homem – E então, o que vai acontecer?

Mulher – Acredita em mim, os nossos hospitais são muito mais avançados do que este.

Homem – Suponho que não há risco de encontrar um interno romeno lá.

Mulher – Nenhum.

Ele olha à sua volta.

Homem – E nunca mais voltaremos aqui?

Mulher – Não me digas que vais ter saudades deste lugar.

Homem – Estava a habituar-me.

Mulher – Se preferires esperar que a Parca volte do Serviço de Psiquiatria com o seu termo e a sua foice de plástico. Afinal, já recebeste a extrema-unção. Podes tentar com o padre...

Homem – Não confio muito... A aposta de Pascal... Nunca tive sorte com apostas. Na verdade, nunca tive sorte de forma geral. Até falhei a operação de última oportunidade, por isso a operação do Espírito Santo...

Mulher – Preferes confiar numa extraterrestre?

Homem – Se ela se parecer com a minha mulher, por que não? Então, nunca mais voltaremos...

Mulher – Talvez um dia. Mas não imediatamente.

Homem – Dentro de muito tempo, queres dizer?

Mulher – O tempo... É o que teremos de esquecer... Agora temos de ir, vejo que a outra está impaciente ali, com a sua verdadeira foice de plástico...

Homem – Tenho a certeza de que está desapontada. Só lhe disse que ia urinar...

Mulher – Imagina que, depois de morrer, as pessoas sobem diretamente para o Céu acompanhadas pelo seu anjo da guarda. Não quisemos contradizê-la.

Homem – E no final, no meu caso, não está totalmente errada. Exceto que o meu anjo da guarda é uma marciana.

Mulher – Por isso prefiro que tenhamos partido antes de ela regressar. Deus é como o Pai Natal, o dia em que O vemos é o dia em que deixamos de acreditar Nele. (*Estende a mão.*) Vamos?

Homem (*hesitante*) – A minha mãe também estará lá?

Mulher – Já te disse... Não é o paraíso... Até estará a Virgem Maria.

Homem – Nunca pensei que ouviria isso um dia. Começo a perguntar-me se não fiquei louco.

Mulher – A vida é uma terapia longa da qual nem sempre saímos curados.

Homem – Também é uma doença longa da qual sempre saímos mortos. Em que consiste esta operação?

Mulher – Um transplante de cérebro.

Homem – Ah... Melhor fazer um backup, então...

Mulher – Vamos transplantar um cérebro marciano para ti. Infelizmente, não poderemos recuperar os dados que tens na tua memória atual.

Homem – Bem... De qualquer forma, quase não lembrava nada. E nem todas as minhas memórias eram boas. No final, não é assim tão grave. Não, não me arrependo de nada. Começo do zero...

Mulher – Isso faz-me lembrar uma canção...

Homem – Contigo... Vou até ao fim do mundo... Se assim mo pedires...

Ela segura-lhe na mão.

Mulher – Então, vamos...

Saem.

Apagão..

Música de espera de um atendedor de chamadas automático.

Luz.

O quarto está vazio. Não há ninguém na cama. Um médico chega acompanhado de uma enfermeira, ambos vestem batas brancas.

Mulher – Ah, já não há ninguém aqui...

Homem – Não, o tipo partiu ontem. Foi o Doutor Ionesco quem o operou...

Mulher – A sua última operação...

Homem – E a sua última vítima...

Mulher – Um lugar que se liberta para o próximo.

Homem – Por outro lado, já tivemos três nascimentos esta manhã na maternidade.

Mulher – Uns partem, outros chegam... É o grande ciclo da vida.

Começam a sair.

Homem – Sabem o que aconteceu com ele?

Mulher – Ele morreu, certo?

Homem – Estava a falar do Ionesco.

Mulher – Ah... Ele também partiu. Acho que agora está no teatro.

Homem – Sempre é melhor do que estar morto.

Mulher – Sim... Talvez...

Preto. Música de espera de um atendedor de chamadas automático.

Voz em off – Não desligue, Deus em breve irá responder-lhe...

Reinício da música.

Tom de linha ocupada ou de uma comunicação interrompida.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um crítico na sala?
Há um piloto a bordo?
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediatheque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Outubro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-058-2

Documento para download gratuito